

O TRUNCAMENTO NA MORFOLOGIA CONTEMPORÂNEA

Ana Paula Victoriano BELCHOR¹

(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Resumo: *Este artigo tem o intuito de mostrar que o estudo do truncamento, assim como dos demais processos não-concatenativos de formação de palavras, vem ganhando destaque na morfologia contemporânea. Conforme será discutido nas três seções que compõem o artigo, as formas truncadas, embora ainda sejam consideradas irregulares e assistemáticas por alguns autores, são também descritas como regulares e previsíveis de acordo com abordagens que não se apoiam exclusivamente no conceito de morfema.*

Palavras-chave: *Morfologia; Truncamento; Formação de palavras.*

INTRODUÇÃO

Este artigo tem o intuito de mostrar que o estudo do truncamento, assim como dos demais processos não-concatenativos de formação de palavras, vem ganhando destaque na morfologia contemporânea. Conforme será discutido nas três seções que compõem o artigo, as formas truncadas, embora ainda sejam consideradas irregulares e assistemáticas por alguns autores, são também descritas como regulares e previsíveis de acordo com abordagens que não se apoiam exclusivamente no conceito de morfema.

Como veremos, a relevância dos constituintes prosódicos e a noção de *splinter* têm desempenhado importante papel nas descrições que visam a encontrar generalizações envolvidas na formação do truncamento. Logo, pode-se dizer que o presente estudo, apoiado em fatores de ordem prosódica, está inserido na perspectiva atual de análise do fenômeno. A seguir, apresentam-se, resumidamente, as publicações de Plag (2003), Fandrych (2008) e Delahunty & Garvey (2010), com o objetivo de retomar estudos morfológicos que abordem o truncamento enquanto processo sistemático de formação de palavras, no caso dos dois primeiros, e fazer a oposição destes a uma proposta que, embora mais recente (DELAHUNTY & GARVEY (2010)), pouco tem a acrescentar às descrições comumente encontradas em manuais de morfologia.

1. PROPOSTA COM BASE EM FATORES PROSÓDICOS

Em capítulo exclusivamente dedicado à derivação sem afixação, Plag (2003) investiga casos de nomes truncados (correspondentes à hipocorização), diminutivos em -y, *clippings*²,

¹ Doutora em Letras Vernáculas. Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: anapulabelchor@ymail.com

² Os *clippings*, nos termos do autor, correspondem às formações aqui denominadas “truncadas”. Tal divergência de nomenclaturas ocorre porque Plag (2003) considera “truncamentos” (*truncated names*) apenas os antropônimos, enquanto as formas encurtadas que têm nomes comuns como base recebem, de acordo com o autor, o nome de

O truncamento na morfologia contemporânea

cruzamentos vocabulares, abreviações e acrônimos em inglês. Segundo o autor, os fenômenos citados são pesquisados em termos sobretudo prosódicos – o que representa, de modo geral, um avanço no estudo dos processos não-concatenativos de formação de palavras e permite vislumbrar a aproximação entre a perspectiva aqui adotada e aquelas que vêm se desenvolvendo na morfologia contemporânea acerca da descrição do truncamento em particular.

Conforme será explicitado na presente seção, Plag (2003) lida com a estrutura silábica e o acento (primário e secundário) na investigação dos processos que se propõe a descrever; assim, embora não fundamente sua pesquisa nos princípios da Morfologia Prosódica, o autor incorpora à sua descrição elementos relevantes em uma análise com base no referido modelo. Dessa forma, pode-se dizer, de antemão, que Plag (*op. cit.*) abre espaço para a discussão quanto à interface fonologia-morfologia, evidenciada sobretudo nos processos de formação de palavras que não se caracterizam pela afixação.

Contudo, antes de proceder à descrição dos processos não-concatenativos, Plag (2003) destaca que a interação entre a morfologia e a fonologia se manifesta mesmo em alguns casos de sufixação, nos quais o acréscimo do sufixo é responsável por um padrão acentual que permeia todos os vocábulos derivados. Para fim de exemplificação, o autor menciona que, em inglês, os nomes portadores do sufixo *-ity* são sempre proparoxítonos, os adjetivos terminados em *-ic* são todos paroxítonos, e todos os nomes acrescidos de *-ee* são oxítonos.

Quanto aos processos não-concatenativos de formação de palavras, o truncamento é, segundo Plag (2003: 146), um processo em que “a relação entre a palavra derivada e sua base é expressa por meio da perda de material fonético na palavra derivada”. Assim, o autor propõe que o processo geral de truncamento (correspondente à redução vocabular de modo geral) engloba os casos de nomes truncados, diminutivos em *-y* e *clippings* – todos caracterizados pela perda de material fonético, tal como será explicitado a seguir.

Nomes truncados, segundo Plag (*op. cit.*), consistem em encurtamentos de antropônimos, usados com o intuito de expressar familiaridade. Porém, embora aborde a questão do uso de tais formas, atribuindo-o à familiaridade, o autor centraliza sua descrição nas propriedades prosódicas dos nomes truncados, levando em conta não apenas sua própria estrutura, mas também sua relação com as respectivas bases.

Primeiramente, Plag (*op. cit.*) afirma que, observando-se a estrutura dos nomes truncados em inglês, pode-se dizer que todos são monossilábicos, não importa quão longa seja a base: *Abigail* > *Gail*; *Augustus* > *Guss*; *Bartholomew* > *Bart*. Essa característica, deve-se lembrar, é também apontada por Gonçalves (2004) em relação aos hipocorísticos em português, os quais, de acordo com o autor, embora não sejam exclusivamente monossilábicos, apresentam o número máximo de duas sílabas, uma vez que o processo tende a formar palavras mínimas na língua.

Ademais, Plag (2003) observa que nomes truncados têm uma grande tendência a começar e terminar em consoantes, ainda que as bases comecem ou terminem em vogais, como se vê nos exemplos *Alexandra* > *Xan* e *Amelia* > *Mel*. Quanto a esta última propriedade, o autor afirma que, ocasionalmente, pode haver nomes truncados terminados em vogais, tais como *Lou* (< *Louis*) e *Ray* (< *Raymond*); entretanto, os referidos casos são marcados por uma vogal longa (*Lou*) ou por um ditongo (*Ray*) em posição final.

Após as considerações feitas acerca da estrutura dos nomes truncados, Plag (*op. cit.*) identifica estruturas prosódicas fixas, isto é, moldes, a que as referidas construções tendem a se

clippings. Observe-se que apenas estas últimas formações coincidem com aquelas aqui analisadas, uma vez que os *truncated names* alocam-se no fenômeno de hipocorização.

Ana Paula Victoriano BELCHOR

conformar. A seguir, listam-se os três moldes apresentados pelo autor, nos quais as consoantes são representadas por C; e as vogais, por V³:

- (01) a. CcVvCc – *Dolph* (< *Adolphus*)
b. CcVv – *Sue* (< *Suzanne*)
c. VvCc – *Alf* (< *Alfred*)

Os moldes encontrados por Plag (2003) são definidos com base na constatação do formato dos nomes truncados presentes no *corpus* reunido para a pesquisa. Não há coincidência, portanto, entre os moldes ora mencionados e aqueles definidos em termos de mapeamento de elementos da camada melódica para a camada segmental, assim como proposto por McCarthy (1981). Porém, o fato de Plag (*op. cit.*) identificar regularidade no processo, valendo-se, para tanto, de fatores prosódicos, pode ser considerado um grande passo em direção à análise dos processos de formação de palavras não-concatenativos de forma sistemática.

Além das possíveis estruturas dos nomes truncados, representadas pelos moldes anteriormente listados, Plag (2003) investiga também a relação formal existente entre o nome truncado e sua palavra-matriz, uma vez que, segundo o autor, apenas partes da base são aproveitadas no nome truncado – partes estas de que os falantes devem ter conhecimento.

Plag (*op. cit.*) propõe que as partes da base mantidas no nome truncado são variáveis, mas previsíveis. Assim, o autor identifica três grupos de dados, de acordo com o aproveitamento de material que formará o molde do nome truncado: (a) aqueles cujos moldes são compostos pelas primeiras sílabas da base (e, algumas vezes, segmentos subsequentes), tal como em *Alonzo* > *Al*; (b) outros em que a sílaba portadora do acento primário fornece o material para o molde, como se observa em *Adolphus* > *Dolph*; e (c) formas em que a sílaba sobre a qual recai o acento secundário é mantida no nome truncado, assim como em *Abigail* > *Gail*.

Após a discussão acerca da estrutura dos nomes truncados e de sua relação com as bases, o autor afirma que a formação desses nomes “é altamente sistemática e sujeita a fortes restrições prosódicas”, da mesma forma que o têm demonstrado, por exemplo, Gonçalves (2004), Lima (2008) e Thami da Silva (2008; 2013) para o português do Brasil, ainda que sejam distintos os instrumentos empregados nas análises⁴. Portanto, deve-se ressaltar, mais uma vez, a proposta de Plag (2003) pode ser considerada um importante passo em direção à sistematização de processos não-concatenativos de formação de palavras, comumente marginalizados em estudos que desconsideram a relevância de aspectos prosódicos na sua formação.

Outro processo considerado não-concatenativo e investigado por Plag (*op. cit.*) é a formação de diminutivos por meio da sufixação de *-y*. Vale lembrar que, embora o referido processo seja marcado pela afixação de *-y*, o autor o considera misto, uma vez que a base à qual *-y* se adjunge é uma forma encurtada, tal como se verifica em *Andrew* > **And* > *Andy*. Por essa razão, destaca o autor, o processo não foi descrito no capítulo por ele destinado à sufixação.

³ As consoantes e vogais minúsculas assinalam a possibilidade de encontrarem-se grupos consonantais (Cc) e vogais longas ou ditongos (Vv) nos moldes. Contudo, deve-se ressaltar, a presença dos referidos elementos não é obrigatória.

⁴ Gonçalves (2004) descreve a hipocorização com base nos fundamentos da Morfologia Prosódica, enquanto Lima (2008) e Thami da Silva (2008; 2013) empregam os pressupostos da Teoria da Otimalidade na análise do mesmo fenômeno.

O truncamento na morfologia contemporânea

A princípio, duas observações de cunho geral são feitas por Plag (2003) em relação aos diminutivos supracitados. A primeira delas consiste no fato de haver duas variantes ortográficas para o sufixo formador do diminutivo: *-y* e *-ie*, que, no entanto, são pronunciadas de forma idêntica. A segunda observação diz respeito à categoria das bases envolvidas no processo, pois, de acordo com o autor, há predomínio de nomes próprios (*Bertie* < *Albert*) e comuns (*Beddie* < *Bed_{camã}*), embora se encontrem também adjetivos (*Comfy* < *Comfortable*) entre os dados. Quanto às características comuns aos diminutivos terminados em *-y*, além da presença do mesmo sufixo, o autor afirma que, assim como verificado entre os nomes truncados, a estrutura prosódica dos derivados e a sua relação com as respectivas bases são fatores que permitem a identificação de regularidades no processo.

Segundo Plag (2003), a maioria quase absoluta dos diminutivos formados pelo acréscimo de *-y* é dissilábica e acentuada na primeira sílaba. Além disso, a segunda sílaba nunca apresenta onset complexo, ainda que a base o apresente – daí a formação de *Andy* a partir de *Andrew*, e não **Andry*. Com base nas duas propriedades ora citadas, o autor define o molde para a formação dos referidos diminutivos nos seguintes termos: um troqueu silábico, em que a segunda sílaba consiste em uma consoante simples, acrescida do sufixo.

Além de definir o formato do molde, Plag (*op. cit.*) destaca que o *corpus* analisado evidencia a manutenção da primeira sílaba da base no diminutivo, seja esta acentuada ou não. Porém, o autor aponta que, ocasionalmente, a sílaba portadora do acento primário pode também ser utilizada na ancoragem, tal como se observa em *umbrella_{guarda-chuva}* > *Brollie*.

No nível segmental, Plag (*op. cit.*) afirma que, entre os diminutivos formados pelo acréscimo de *-y*, ocorrem mudanças nos traços de algumas consoantes, da mesma forma que se constatou na descrição dos nomes truncados (*Martha* > *Marty*, por exemplo). Por essa razão, o autor considera que formas encurtadas (nomes truncados ou *clippings*) servem de base para a formação dos diminutivos em *-y* – daí a inclusão dessas construções entre os processos de formação de palavras não-concatenativos.

Para finalizar a discussão do fenômeno geral de encurtamento, Plag (*op. cit.*) apresenta as construções que denomina *clippings*, embora reconheça que essa expressão equivale a “truncamentos” (*truncations*, nos termos do autor) – estas últimas frequentemente empregadas para designar as formações encurtadas cujas bases são nomes comuns. Quanto à caracterização geral do *clipping*, o autor o considera um processo formador de palavras que consiste na redução de uma base, com a qual o produto apresenta alguma relação de sentido, acrescida da expressão de familiaridade com o referente. Como exemplo da familiaridade citada, o autor afirma que, frequentemente, pessoas que trabalham em laboratórios (*laboratories*, em inglês) usam a forma encurtada *lab* para fazer referência ao local de trabalho.

Em relação à estrutura, Plag (*op. cit.*) considera que a formação dos *clippings* é menos coerente do que aquelas de nomes truncados e diminutivos em *-y*. Contudo, o autor aponta que, ainda assim, algumas tendências podem ser verificadas nos *clippings*, uma vez que a maior parte dessas formações é monossilábica (*ad* < *advertisement_{propaganda}*) ou dissilábica (*condo* < *condominium*; *demo* < *demonstration*) e, além disso, caracteriza-se pela manutenção da parte inicial da base ou, menos frequentemente, ancoram-se à sílaba que porta o acento primário (*phone* < *telephone*).

Como se pode observar, o processo que Plag (2003) denomina *clipping* é marcado pela formação de estruturas monossilábicas ou dissilábicas, que, em sua maioria, preservam a margem esquerda das respectivas bases. Assim, pode-se dizer que o autor, embora não lide com os instrumentos disponibilizados pela Morfologia Prosódica, identifica, nos *outputs* pesquisados, marcas formais bastante compatíveis com algumas atribuídas às formas truncadas analisadas em

Belchor (2014) com base no referido modelo teórico: *outputs* que possuem, no máximo, três sílabas e mantêm a porção esquerda da palavra-matriz.

A porção da base que será preservada no truncamento não é definida pelo autor, ou seja, não há informações relacionadas ao fato de a forma truncada preservar as duas primeiras sílabas ou o radical da base, por exemplo. Entretanto, a proposta de Plag (*op. cit.*), ao levar em conta fatores de ordem prosódica tais como estrutura silábica e acento primário (este último apenas em alguns casos), difere-se das descrições comumente encontradas em manuais de Morfologia. Portanto, o tratamento conferido pelo autor ao processo aqui denominado truncamento consiste em uma inovação no que tange à descrição do fenômeno, abrindo caminho para análises baseadas na atuação de constituintes prosódicos, tal como esta que se apresenta.

Além dos processos de encurtamento, já detalhados nesta seção, Plag (*op. cit.*) descreve também os cruzamentos vocabulares, de acordo com suas estruturas prosódicas e sua relação com as respectivas bases. Segundo o autor, embora a formação dos cruzamentos vocabulares seja frequentemente descrita como irregular, a incorporação de expedientes prosódicos à análise permite a constatação de um alto grau de regularidade. Por definição, trata-se de um processo em que duas palavras se combinam para formar uma nova palavra, por meio do apagamento de material de uma ou ambas as bases. Dentre os exemplos citados pelo autor, podem-se citar *boat* + *hotel* → *boatel* ('barco (*boat*) que funciona também como hotel') e *breakfast* + *lunch* → *brunch* ('refeição matutina reforçada, que serve de café da manhã (*breakfast*) e substitui o almoço (*lunch*)').

Quanto à categoria sintática das palavras-matrizes, Plag (2003) afirma que estas sempre pertencem à mesma classe – na maioria das vezes, nomes. Os produtos, por sua vez, compartilham propriedades relacionadas aos referentes das duas bases, tal como se observa nos exemplos acima citados *boatel* e *brunch*. Por essa razão, o autor ressalta que as bases cuja combinação resulta em um cruzamento vocabular devem apresentar alguma relação semântica, para que o referido compartilhamento de propriedades seja viável.

A formação dos cruzamentos vocabulares, de acordo com Plag (*op. cit.*), pode ser generalizada da seguinte forma: a parte inicial do primeiro elemento combina-se com a segunda parte do segundo elemento, consoante a fórmula $A B + C D \rightarrow A D$, na qual os elementos A, B, C e D representam partes das bases envolvidas no processo. A fórmula citada, afirma Plag (*op. cit.*), pode ter os elementos B ou C nulos, ou seja, uma das bases pode integrar a formação de um cruzamento vocabular sem sofrer perda de segmentos, assim como em *guesstimate* (*gues*_{adivinhação} + *estimate*_{estimativa}; $A + CD \rightarrow AD$), que significa 'estimativa aleatória, não sustentada por evidências palpáveis'.

Plag (2003), com base em um conjunto de 16 dados, depreende que há dois fatores prosódicos determinantes no processo de formação dos cruzamentos vocabulares: a estrutura silábica e o tamanho. Em relação ao primeiro, o autor afirma que apenas constituintes silábicos são apagados, de forma que, entre os monossílabos, por exemplo, ocorre a combinação do onset do primeiro elemento com a rima do segundo (*smoke*_{fumaça} + *fog*_{névoa} → *smog*_{poluição}) ou do onset + núcleo do primeiro elemento com a rima do segundo (*boom*_{barulho} + *hoist*_{guincho} → *boost*_{incentivo}).

Para os cruzamentos polissilábicos, o autor afirma que a formação destes segue a mesma tendência explicitada acima. Porém, pelo fato de o número de sílabas ser maior, existe um conjunto de possibilidades para a combinação entre os diversos constituintes das duas bases.

Quanto ao tamanho das palavras-matrizes e dos cruzamentos vocabulares, Plag (*op. cit.*) destaca que, em grande parte dos *outputs*, as duas bases combinadas apresentam o mesmo tamanho, medido em número de sílabas – casos em que os cruzamentos apresentam o mesmo número de sílabas de suas respectivas bases. Nas formações em que as bases envolvidas não

O truncamento na morfologia contemporânea

coincidem em número de sílabas, o autor afirma que há um padrão geral segundo o qual o cruzamento vocabular possui o tamanho da segunda base.

De acordo com as questões discutidas e aqui retomadas, Plag (2003) conclui que cruzamentos vocabulares têm sua formação ajustada a fatores não apenas prosódicos, mas também semânticos e sintáticos, que são capazes de expressar grande regularidade no processo – razão suficiente para, segundo o autor, os cruzamentos não serem excluídos do âmbito da formação de palavras em inglês. Como se pode observar, mais uma vez, Plag (*op. cit.*) toma por regular um processo frequentemente considerado aleatório, baseando-se, para tanto, em um padrão geral definido por fatores sobretudo prosódicos.

Para finalizar a discussão dos processos não-concatenativos de formação de palavras, Plag (2003) aborda os casos de abreviações (*abbreviations*) e acrônimos (*acronyms*), embora, de acordo com o autor, a prosódia não desempenhe um papel determinante nos referidos processos. Diferente dos fenômenos anteriormente descritos, verifica-se que a ortografia apresenta, desta feita, um importante papel, tal como será resumidamente comentado a seguir.

De modo geral, as abreviações, segundo Plag (*op. cit.*), são formadas pelas iniciais de palavras que compõem sequências maiores, como em *DC* (Distrito de Columbia) ou pela incorporação de grafemas não-iniciais, tal como se observa em *BSc* (*Bachelor of Science*; bacharel em ciência). Em relação às propriedades formais do processo, o autor afirma que abreviações podem ser agrupadas de acordo com dois aspectos ortográficos e fonológicos: (a) a escrita pode apresentar iniciais maiúsculas (*CLA* – *Central Intelligence Agency*; Agência Central de Inteligência) ou minúsculas (*e.g.* – *for example*; por exemplo), ou (b) a pronúncia de tais formas pode ser feita com base nas iniciais isoladas. Este último caso, em que a forma abreviada pode ser pronunciada de acordo com os padrões fonológicos da língua, é denominado acronímia.

Quanto aos acrônimos, Plag (2003) afirma que estes são, geralmente, escritos com caracteres maiúsculos – o que pode ser interpretado como uma tentativa de manter a relação com as bases, uma vez que, segundo o autor, “algumas palavras que historicamente se originaram como acrônimos não são mais escritas atualmente com letras maiúsculas, e, para a maioria dos falantes, essas formas não têm mais relação com as palavras de que foram originalmente abreviadas” (PLAG, *op. cit.*: 163). Como exemplo deste último caso, o autor cita a forma *radar*, cuja relação com a base *Radio detecting and ranging* (Detecção e alcance por rádio) não é mais recuperada pelos falantes.

Como última observação acerca dos acrônimos, Plag (*op. cit.*) destaca que os *outputs* devem apresentar estrutura compatível com os padrões fonológicos da língua, pois, caso a sequência de sons não seja licenciada, a forma em questão não poderá ser considerada um potencial acrônimo, tal como *BBC*, que apresenta uma ordenação não aceitável em inglês. No entanto, o autor ressalta que falantes podem tornar abreviações pronunciáveis, criando acrônimos por meio do ajuste de algumas abreviações aos padrões fonológicos da língua – o que vem se tornando comum, por exemplo, na nomeação de conferências linguísticas.

Como se pode observar, Plag (*op. cit.*) analisa abreviação e acronímia separadamente, baseando-se no fato de os referidos processos apresentarem características diferentes, tal como se destaca a seguir. Abreviações são, em geral, formadas a partir das iniciais de expressões compostas e podem ser representadas na escrita por caracteres maiúsculos ou minúsculos. No entanto, o autor considera abreviadas apenas as formas cuja leitura corrente não é possível na língua, tal como *BBC*, anteriormente citada.

Os *outputs* que resultam em sequências cuja ordenação fonética pode ser considerada uma palavra da língua são denominados acrônimos pelo autor, a exemplo de *NATO*. Quanto à escrita,

como observa Plag (*op. cit.*), acrônimos tendem a ser representados por caracteres maiúsculos – fato que, segundo o autor, pode ser justificado pela tentativa de manter a relação com a expressão de origem, pois, visto que se trata de uma sequência pronunciada como palavra, a ancoragem à base composta pode, ao longo do tempo, ser perdida pelo falante.

Com base nos fatores prosódicos retomados nesta seção, Plag (2003) descreve nomes truncados (hipocorísticos), diminutivos em -y, *clippings* (truncamentos), cruzamentos vocabulares, abreviações e acrônimos em inglês, considerando-os processos não-concatenativos de formação de palavras. Embora, segundo o autor, a prosódia não desempenhe função determinante na abreviação e na acronímia, ambas são incluídas entre os processos de formação de palavras por, inegavelmente, darem origem a novas unidades lexicais.

Assim, pode-se dizer que o autor não considera marginais os processos supracitados; ao contrário, busca evidências de que aspectos prosódicos são fundamentais na análise dos mesmos, que não se caracterizam pela afixação. Mais uma vez, portanto, nota-se que o truncamento, bem como os demais processos não-concatenativos de formação de palavras, vem, desde Plag (2003), ganhando *status* de processo regular, ainda que não-concatenativo, na morfologia contemporânea.

Na próxima seção, o papel de elementos submorfêmicos denominados *splinters* será considerado essencial na formação de truncamentos, cruzamentos vocabulares e siglas, de acordo com a pesquisa de Fandrych (2008). Desta feita, a prosódia não se mostra determinante na formação do truncamento, uma vez que a autora busca, na própria morfologia, evidências de que se trata de um processo regular e previsível. A seguir, vejamos, resumidamente, a proposta da autora.

2. PROPOSTA COM BASE EM *SPLINTERS*

Fandrych (2008) propõe que processos como o truncamento, o cruzamento vocabular e a siglagem sejam analisados com base em elementos submorfêmicos, uma vez que se trata de fenômenos cuja formação não pode ser descrita com base na adição ou supressão de morfemas. A ideia central da pesquisa é, segundo a autora, analisar “o papel de elementos abaixo do nível do morfema na produção desses processos de formação de palavras não-morfêmicos que vêm se tornando particularmente produtivos no inglês desde a segunda metade do século XX” (FANDRYCH, 2008: 105). Para tanto, a referida autora vale-se das noções de iniciais (no caso da siglagem), *splinters* (no caso do cruzamento vocabular) e *free splinters*, *splinters* livres (no caso do truncamento).

De acordo com Bauer (2005), *splinters* são, em linhas gerais, elementos não-morfêmicos resultantes de operações morfológicas não-concatenativas de encurtamento como o truncamento e o cruzamento vocabular, que são utilizados com alguma recorrência na formação de novas unidades lexicais. Como exemplo em português, pode-se citar o caso da forma -trocínio, um *splinter* que tem origem na base ‘patrocínio’, cuja sequência inicial (‘pa’), por semelhança fonética ao vocábulo ‘pai’, destacou-se da forma de base e tornou a sequência não-morfêmica -trocínio passível de ocorrer em novas formas linguísticas, tais como ‘paitrocínio’, ‘mãetrocínio’ e ‘avôtrocinio’, por exemplo. Observe-se que o *splinter* em questão é um elemento empregado em posição específica (no caso, à direita) e combina-se com uma palavra.

Em português, deve-se ressaltar, a atuação de *splinters* na formação de novas unidades lexicais é analisada por Gonçalves & Andrade (2012), que defendem a alocação desses elementos em dois grupos: os *splinters* iniciais, que copiam a porção esquerda da base, assim como caipi-

O truncamento na morfologia contemporânea

(‘caipirinha’); e *splinters* finais, os quais, diferente dos primeiros, copiam a parte final da palavra-matriz, como -trocínio, anteriormente citado, e -lândia (‘Disneylândia’). A partir dos *splinters* caipi- e -lândia, forma-se um conjunto de novas palavras, tal como se observa nos dados a seguir: ‘caipivodka’, ‘caipisaquê’ (bebidas tipo caipirinha, porém feitas com vodka e saquê, respectivamente), ‘caipifruta’ (caipirinha feita com outras frutas, em vez de limão), ‘frangolândia’, ‘chocolândia’ (loais de comercialização de frango e chocolate, respectivamente) e ‘empregolândia’ (twitter em que se oferecem empregos).

Como última observação, vale destacar que, conforme apontam Gonçalves & Andrade (*op. cit.*), os *splinters* caipi- e -lândia contribuem para as novas formações com os significados de ‘bebida alcoólica tipicamente brasileira’ e ‘localidade’, respectivamente. Além disso, os referidos elementos podem ser combinados com palavras (‘caipifruta’) ou com apenas partes de palavras (‘chocolândia’); porém sempre na mesma posição.

A distinção feita por Fandrych (2008) entre *splinter* e *splinter* livre consiste na integração (ou não) a novas palavras. Ambos são elementos não-morfêmicos, tal como definido por Bauer (2005), mas, de acordo com a autora, o *splinter* forma cruzamentos vocabulares, assim como -trocínio, que se combina com uma palavra, ao passo que o *splinter* livre torna-se uma unidade lexical autônoma, formando novas palavras sem a necessidade de combinação com outras bases. Como exemplo deste último, pode-se citar a forma truncada ‘carná’ (< ‘carneval’) – porção não-morfêmica que atua como forma livre.

Fandrych (2008) define processos de formação de palavras não-morfêmicos como aqueles em que não há uma estrutura do tipo modificador/cabeça, tal como na composição e na afixação – processos que podem ser analisados em termos da relação modificador/cabeça, na qual $A + B > AB$, e $AB =$ (um tipo de) B. Nesses casos, vale ressaltar, a autora defende que os falantes são capazes de identificar os significados das novas construções a partir do significado dos seus constituintes – o que, nem sempre, se verifica entre os processos não-morfêmicos.

Quanto à categorização dos processos não-morfêmicos (ou não-concatenativos), Fandrych (*op. cit.*) destaca que há um grande debate em relação ao fato de considerarem-se ou não tais processos como formadores de palavras. Segundo a autora, Štekauer (1998) exclui as construções não-morfêmicas do âmbito da formação de palavras, assim como Haspelmath (2002), que define a morfologia como “o estudo da **combinação de morfemas** [grifo nosso] para formar palavras” (*op. cit.*: 3). Steinmetz & Kipfer (2006), por sua vez, discutem a siglagem, o cruzamento vocabular e o truncamento antes da composição e da derivação, porém os autores descrevem tais processos de modo que o foco seja estabelecido apenas em aspectos como economia, humor e crescente popularidade no século XX.

Fandrych (2008) conclui, portanto, que a polêmica em torno da categorização de processos de formação de palavras não-morfêmicos está ligada ao fato de, não raro, morfemas serem definidos como as menores unidades linguísticas dotadas de significado, tal como os define, por exemplo, Haspelmath (2002): “os menores constituintes significativos das palavras que podem ser identificados” (*op. cit.*: 3). Observe-se que a definição de morfema vinculada à existência de um par forma/significado atende às expectativas de uma morfologia centrada na “combinação de morfemas”, tal como definida anteriormente, mas não permite que processos não-morfêmicos, em geral, sejam considerados formadores de palavras.

No caso do truncamento, por exemplo, grande parte dos *outputs* consiste em sequências menores que uma unidade morfológica (no caso, o radical) e, por isso, não deveriam ser dotadas de significado, mas o são, porque assumem o significado da base a que pertencem. A forma truncada ‘pará’, por exemplo, não corresponde ao radical da palavra-matriz ‘paraíba’; entretanto, incorpora o significado lexical desta última, inclusive a pejoratividade: “pessoa oriunda das

regiões norte/nordeste”. A parte suprimida (-íba) também não corresponde a um elemento morfológico que apresente um significado. Como se pode notar, o truncamento envolve porções a que o tradicional conceito de morfema nem sempre se aplica – fato que pode se tornar um obstáculo ao estudo do processo, uma vez que este não se baseia, necessariamente, no mapeamento de morfemas.

Há, contudo, autores que, segundo Fandrych (2008), discordam do conceito de morfema enquanto “unidade mínima significativa”. Aronoff (1981), por exemplo, define-o como uma “sequência fonética que pode ser vinculada a uma entidade linguística fora dessa sequência. O que importa não é o significado, mas a sua arbitrariedade” (*op. cit.*: 15). Sob a perspectiva do autor, nem todos os morfemas portam significado, uma vez que há palavras que podem ser consideradas “minimamente significativas” (cf. *op. cit.*: 15) e não podem ser, por isso, desmembradas em constituintes imediatos que apresentem significado. O autor conclui, portanto, que não abandona o conceito de morfema, porém entende que, nem sempre, se trata de um signo, no sentido de apresentar forma fonética associada obrigatoriamente a um significado.

Quanto à proposta de Fandrych (2008), propriamente, o intuito não é discutir a definição de morfema, tomado pela autora no sentido mais comum de mínima unidade linguística dotada de significado, mas analisar a contribuição de elementos menores que o morfema para os processos de formação de palavras não-morfêmicos. O objetivo da autora é, portanto, discutir o papel de iniciais, *splinters* e *splinters* livres nos processos não-morfêmicos, que podem ser definidos da forma como se segue:

“[...] alguns processos de formação de palavras que **não são baseados em morfemas** [...], isto é, que se utilizam de pelo menos um elemento que não é um morfema; esse elemento pode ser um splinter, um fonestema, parte de uma sílaba, uma letra inicial, um número ou uma letra usados como um símbolo” (FANDRYCH, 2004: 18; ênfase no original).

No inglês, de acordo com a autora, os principais processos formadores de palavras não-morfêmicos são a siglagem, o cruzamento vocabular, o truncamento e a onomatopéia. Porém, afirma a autora, este último processo não é discutido na pesquisa, uma vez que, embora seja não-morfêmico, inclui casos de criações *ex nihilo*, assim como *miaow*, ou de formações que se utilizam de palavras inteiras, como se observa em *wishy-washy*.

Em português, os processos de formação de palavras não-morfêmicos, ou não-concatenativos, são o truncamento, o cruzamento vocabular, a siglagem, a hipocorização e a reduplicação. A proposta de Fandrych (2008) é fornecer meios para a análise dos três primeiros; porém, como o objeto de estudo deste artigo é o truncamento, esta seção retomará, a partir de então, as ideias lançadas pela autora em relação à formação de truncamentos, abordando um aspecto que pode ser considerado inovador na descrição das referidas construções: a atuação de *splinters* livres.

Para definir o truncamento (em inglês, *clipping*), Fandrych (*op. cit.*) retoma propostas de dois autores. O primeiro deles é Marchand (1969: 441), segundo o qual o truncamento consiste na “redução de uma palavra a uma de suas partes. [...] A parte suprimida não é um morfema no sistema linguístico (nem o resultado do truncamento, a propósito), mas uma parte arbitrária da palavra”. Bauer (1988: 33), por sua vez, além de conceituar o fenômeno como não-morfêmico, contesta o seu *status* nos estudos morfológicos: “uma vez que as partes deletadas no truncamento não são claramente morfemas em qualquer sentido, não é o caso de, necessariamente, considerá-lo parte da morfologia, embora seja um meio de formar novos lexemas”.

O truncamento na morfologia contemporânea

Fandrych (2008) discorda da definição anteriormente citada, em que Bauer (1988) questiona a inclusão do truncamento entre os processos morfológicos, pois, de acordo com a autora, trata-se, seguramente, de um processo de formação de palavras. Como justificativa para o tratamento do fenômeno enquanto processo de formar palavras, Fandrych (*op. cit.*) aponta dois aspectos: a dissociação semântica, observada, por exemplo, no uso de *exam* (“teste de conhecimento”, “*Test of knowledge*”), comparado ao da palavra-matriz *examination* (“exame médico”, “*Doctor’s examination*”); e a mudança de registro ou estilo verificada nas formas truncadas em relação às suas bases, tal como em *prof* < *professor*, visto que o truncamento em questão é utilizado em situações informais, enquanto a palavra-matriz tem seu uso requerido em contextos acadêmicos⁵. Além dos fatores mencionados, a autora afirma que truncamentos podem se tornar constituintes de novas e múltiplas formações, tais como *blogging* – verbo cuja base é uma forma truncada: *weblog* > *blog*.

Quanto ao truncamento em português, não se verificam mudanças de significado da forma truncada em relação à palavra-matriz, pois ambas possuem o mesmo referente. Logo, pode-se dizer que o fenômeno não envolve dissociação semântica, assim como no inglês. Contudo, a mudança de registro ou estilo observada por Fandrych (*op. cit.*) é também um fator atuante em português, visto que formas truncadas tendem a ser utilizadas em contextos menos formais e, além disso, a maioria apresenta vínculo com o estilo jovem – o que implica o uso da palavra-matriz em situações formais.

Em relação ao fato de truncamentos serem passíveis de originar novas formações, pode-se dizer que, em português, embora não em muitos casos, verificam-se novas construções a partir de formas truncadas, tal como ‘refrigerante’ > ‘refri’ *splinter* livre + -inho > ‘refrizinho’ (“refrigerante ruim ou ingerido rapidamente”).

Quanto ao aspecto formal, Fandrych (*op. cit.*) afirma que, em geral, palavras que servem de base para a operação de truncamento são relativamente longas, apresentando ao menos duas ou três sílabas. Ainda segundo a autora, o truncamento a partir do início da base (*Fore-clipping*) é o tipo mais comum (*photog* < *photographer*, por exemplo), seguido do truncamento a partir do final da mesma (*graph* < *paragraph*), o *Back-clipping*, e do truncamento no início e no final da base, simultaneamente (*flu* < *influença*). Sob a perspectiva da autora, truncamentos efetuados no meio da palavra-matriz, *Mid-clipping*, (*Jo’burg* ou *Jo’bg* < *Johannesburg*) são raros, e formas truncadas escritas são restritas ao domínio da modalidade escrita, pois, quando empregadas na oralidade, são substituídas pela forma de base, assim como no caso de *abbr*, que é pronunciada sempre como *abbreviation*.

O tamanho das bases para o fenômeno de truncamento apontado por Fandrych (*op. cit.*) coincide com as características do *corpus* reunido em Belchor (2014), uma vez que as palavras-matrizes, em geral, partem do número de três sílabas, encontrando-se também duas bases dissilábicas (‘chinês’ e ‘playboy’) entre os dados. A porção da palavra-matriz mantida na forma truncada, entretanto, diverge bastante, comparando-se inglês e português, pois, no primeiro, Fandrych (*op. cit.*) afirma que o processo aproveita-se das partes inicial, final ou medial da base, ao passo que, em português, os dados presentes no *corpus* ora analisado revelam que os truncamentos tendem a preservar a margem esquerda da palavra-matriz.

Existe, ainda, uma categoria de truncamento proposta por Fandrych (2008) denominada truncamento composto (*Clipped compound*), definido pela autora como o encurtamento de longas

⁵ Deve-se lembrar que *professor* é o termo que, em inglês, se refere a professores universitários, em geral Doutores, enquanto *teacher* é a forma utilizada para designar professores secundários.

combinações, em que um constituinte da forma de base permanece inalterado, como se observa em *lad mag* < *lad magazine* (“revista para rapazes”). Casos como esse, no entanto, não foram contemplados em Belchor (2014), que tem como objetivo analisar formas truncadas cuja base é uma palavra. Dito de outra forma, dados como *lad mag* não se encontram no *corpus* da pesquisa, pois entendemos que os mesmos têm como origem um sintagma nominal, e não uma palavra-matriz.

Além do ponto em que o encurtamento se processa, fator anteriormente explicitado, Fandrych (*op. cit.*) afirma que a manutenção do plural (*specifications* > *specs*) e casos de deslocamento da sílaba tônica (*Australian* > *'Aussie*) são também marcas formais do processo de truncamento. Em português, deve-se lembrar, truncamentos apresentam gênero (copiado da base) e, tal como no inglês, são também passíveis de flexão em número. Quanto ao deslocamento da sílaba tônica, pode-se dizer que, embora não seja marca formal do processo em português, é possível constatar alguns casos, assim como *pri.'mei.ra* > *'pri.ma*, por exemplo⁶.

Em suma, pode-se dizer que, de acordo com Fandrych (*op. cit.*), o truncamento consiste em um processo de formação de palavras que apresenta elevado grau de arbitrariedade, uma vez que não se baseia na supressão de morfemas, assim como não leva em conta as fronteiras silábicas e a acentuação da base. Destarte, a autora argumenta que os produtos do fenômeno são *splinters* livres, ou seja, “elementos independentes que restam após o processo de encurtamento de um radical” (*op. cit.* : 116).

Por ser um processo de encurtamento não acompanhado de expansão vocabular, segundo Fandrych (*op. cit.*: 117), o truncamento torna os *splinters* livres, uma vez que estes últimos são “partes irregulares das palavras de que se originaram, [que] passam por um processo de desassociação semântica e estilística [...] que pode resultar na sua completa emancipação”. Assim, a autora considera que formas truncadas podem romper o vínculo com os lexemas que lhes serviram de base, tal como se observa no exemplo do inglês *pub* (< *public house*), que passou a designar, em geral, estabelecimentos de entretenimento em que se podem consumir bebidas alcoólicas, enquanto a palavra-matriz apresentava o significado de “casa de vinhos” – local de degustação e apreciação da referida bebida. Como se pode verificar, é provável que mesmo falantes do inglês tenham dificuldade em identificar a base da forma encurtada *pub*.

Em português, conforme já mencionado nesta seção, o truncamento não envolve desassociações semânticas; contudo, pode-se dizer que ocorre uma desassociação estilística em relação à base, uma vez que a forma truncada é, em geral, utilizada em contextos menos formais e marcados pelo estilo mais jovem.

Quanto ao fato de a formação do truncamento gerar *splinters* livres, deve-se ressaltar que a proposta de Fandrych (2008) aplica-se, com êxito, ao inglês. Porém, em português, a observação do *corpus* reunido para esta pesquisa demonstra que há formação de *splinters* livres apenas em um dos padrões de truncamento, pelas razões que se seguem.

De acordo com a autora, *splinter* livre é um elemento não-morfêmico que resulta do encurtamento de uma base e atua como forma livre, podendo sofrer, conforme citado acima, perda do vínculo semântico com a palavra-matriz. Sendo assim, os truncamentos alocados no

⁶ O deslocamento da sílaba tônica não se mostrou um fator relevante na análise do *corpus* pesquisado porque, na maioria dos dados, a sílaba que porta o acento primário da base é eliminada ao longo do apagamento que resulta na forma truncada. Assim, o posicionamento da tonicidade em uma das sílabas remanescentes torna-se obrigatório, e não uma marca formal do processo.

O truncamento na morfologia contemporânea

padrão ‘odônto’ não poderiam ser analisados sob a perspectiva de Fandrych (*op. cit.*), uma vez que se trata de formas truncadas morfêmicas, que consistem em um morfema de fato.

O padrão ‘flágra’, por sua vez, também não pode ser descrito com base na noção de *splinter* livre, pois Fandrych (*op. cit.*) considera o truncamento “um processo de encurtamento **não acompanhado de expansão vocabular** [grifo nosso]” (cf. Fandrych, *op. cit.*: 117). Assim, os dados do padrão ‘flágra’, que sofrem expansão devido à afixação da vogal -a após o encurtamento, não podem ser formados por *splinters* livres, visto que estes são elementos não-morfêmicos resultantes de um encurtamento, sem que haja posterior anexação de qualquer material morfológico ou fonológico.

Logo, apenas o padrão ‘refri’ tende a ser satisfatoriamente analisado de acordo com a proposta de Fandrych (2008), uma vez que, desta feita, as formas truncadas consistem em porções não-morfêmicas, isto é, que não coincidem com o radical da palavra-matriz. Além disso, não ocorre, no referido padrão, a afixação da vogal -a, que marca o padrão ‘flágra’. Dessa forma, tem-se, entre os dados do padrão ‘refri’, a formação de truncamentos com base em *splinters* livres, uma vez que os *outputs* são, de fato, partes não-morfêmicas que atuam como formas livres e apresentam certa desassociação estilística em relação às bases. Quanto ao fato de *splinters* serem empregados com alguma recorrência na formação de novas palavras, retoma-se, aqui, o exemplo ‘refrizinho’, já mencionado nesta seção, uma vez que não há muitos casos observados.

Face ao exposto, a análise do fenômeno de truncamento com base em *splinters* livres, proposta por Fandrych (2008), aplica-se, em larga escala, ao inglês. No português, por sua vez, as ideias da autora contemplam apenas os truncamentos do tipo ‘refri’ – o que inviabiliza a adoção da proposta para a descrição de todo o *corpus*. No entanto, deve-se ressaltar que o fato de a autora propor a incorporação de *splinters* livres à descrição do truncamento consiste em uma grande inovação no que tange ao tratamento do fenômeno entre os estudos de formação de palavras, sobretudo porque não incorpora fatores prosódicos à análise, mas visa a encontrar meios para descrever o fenômeno com base em expedientes estritamente morfológicos – daí o mérito da proposta.

A seguir, a próxima seção tem como intuito retomar a proposta de Delahunty & Garvey (2010), que, apesar de mais recente do que as anteriormente discutidas, não descreve satisfatoriamente os processos de formação de palavras não-concatenativos, pois não fornece exemplos do fenômeno de truncamento, além de não possibilitar a delimitação adequada entre abreviação e siglagem. Vejamos, a partir de então, de que forma Delahunty & Garvey (2010) descrevem os processos que consideram não-concatenativos.

3. A PROPOSTA DE DELAHUNTY & GARVEY (2010)

Delahunty & Garvey (2010), embora apresentem uma descrição bastante recente da formação de palavras em inglês, não divergem muito das propostas de autores como Basilio (1987), no que concerne ao processo truncamento, pois atribuem ao encurtamento de nomes o rótulo de abreviação e incluem casos de siglagem entre os exemplos citados.

Assim como na maioria dos manuais de morfologia do português, Delahunty & Garvey (*op. cit.*) apontam a derivação e a composição como os principais processos de formação de palavras. Para os autores, a primeira consiste no “processo de criação de palavras diferentes mas morfológicamente relacionadas” (DELAHUNTY & GARVEY, *op. cit.*: 129), por meio de sufixação ou prefixação, enquanto a composição pode ser definida como o processo cujos

produtos apresentam duas palavras – uma delas, geralmente a segunda, que exerce o papel de cabeça do item composto, enquanto a outra funciona como modificadora.

Segundo os autores, na derivação, além das palavras formadas pela adição de sufixos e prefixos, há casos em que a formação da nova palavra não é visível no plano morfológico, mas fonológico, tal como se observa no deslocamento do acento primário (*'permit*_{nome} / *per'mit*_{verbo}) e na mudança de traço da consoante final (*adv[ɨ]s*_{e_nome} / *adv[ɨ]z*_{e_verbo}). Em ambos os casos, deve-se destacar, os autores deixam de identificar o derivante e o derivado, ou seja, a direção do processo.

Outro caso de derivação não perceptível no nível morfológico apontado por Delahunty & Garvey (2010) é o processo que denominam conversão, mudança de função ou derivação-zero. Desta feita, trata-se da mudança de classe de uma palavra, sem que haja uma mudança correspondente na forma morfológica, tal como se observa em *autograph*, que, em inglês, apresenta a mesma forma para exercer a função de nome ('autógrafo') ou de verbo ('autografa'). Também nos casos de conversão, vale ressaltar, os autores citam exemplos sem que a direcionalidade do processo seja explicitada.

Quanto à composição, Delahunty & Garvey (*op. cit.*), com o intuito de diferenciar vocábulos compostos de frases formadas pelos mesmos constituintes, valem-se de quatro fatores, a seguir elencados. Em primeiro lugar, de acordo com os autores, o padrão acentual de uma forma composta é, geralmente, diferente daquele observado em frases que apresentem os mesmos componentes, na mesma ordem: *'White House*_{composto} / *'White 'house*_{frase}. Em segundo lugar, o significado de uma forma composta é diferente, em maior ou menor grau, do significado da frase correspondente, tal como se verifica em *'blackbird*_{composto} (uma espécie de pássaro, independente da sua cor) e *black 'bird*_{frase} (um pássaro que é preto, independente da sua espécie).

O terceiro fator listado pelos autores é a diferença observada, em muitos casos, entre a ordem dos constituintes na forma composta e na frase correspondente, tal como se observa no posicionamento do nome *dust* ('poeira'; 'pó'), nos dados a seguir: *sawdust* (vocábulo composto que significa 'serragem'), em oposição a *dust from sawing* (frase cujo significado é 'pó de serra'). Finalmente, o quarto aspecto que, segundo Delahunty & Garvey (2010) pode ser utilizado para fazer a distinção entre nomes compostos e frases correspondentes é o fato de os primeiros não admitirem modificadores apenas do primeiro elemento, enquanto as frases nominais o admitem. Esta última característica dos itens compostos justifica-se pelo fato de, nessas formações, haver um único vocábulo morfológico – daí o fato de um modificador anteposto se referir à construção inteira. Nas frases nominais, ao contrário, um modificador na posição inicial pode se relacionar apenas ao primeiro termo, morfológicamente independente dos que o sucedem.

Terminadas as seções destinadas à derivação e à composição, que abordam as questões aqui citadas, Delahunty & Garvey (2010) incluem, em seção denominada "outras origens das palavras", os processos de cunhagem, cruzamento vocabular, empréstimo e abreviação.

Cunhagem é o processo que os autores definem como a formação de novas palavras, sem a utilização de recursos morfológicos da língua, isto é, somente com base em "sons". De acordo com os autores, trata-se de um processo raro; por isso, apenas um exemplo é citado na seção destinada ao fenômeno: *googol*⁷.

⁷ Segundo a *Wikipedia*, "*googol* é o número 10¹⁰⁰, ou seja, o dígito 1 seguido de cem zeros". A referida palavra foi criada por Milton Sirota, sobrinho do matemático Edward Kasner, a quem este último pediu, em 1938, quando o menino tinha oito anos de idade, que "inventasse um nome para dar a um número muito grande, mais precisamente à centésima potência do número 10, isto é, a unidade seguida de 100 zeros. Um número muito grande, mas não

O truncamento na morfologia contemporânea

O cruzamento vocabular, por sua vez, envolve, de acordo com Delahunty & Garvey (*op. cit.*), duas palavras, das quais partes são removidas, com o intuito de formar um novo item lexical a partir da junção dos resíduos de ambas as bases. Ainda segundo os autores, o significado da nova forma pode ser deduzido dos significados das porções que a constituem, tal como se observa em *smog*, cruzamento vocabular do inglês que tem como bases *smoke* ('fumaça') e *fog* ('névoa'). O significado de *smog*, portanto, é uma espécie de combinação entre 'fumaça' e 'névoa': 'poluição'.

Por empréstimo, Delahunty & Garvey (2010) tomam a cópia de palavras de uma língua para outra, possibilitada pelo contato entre a língua de origem e aquela que incorpora o empréstimo. Na base da referida operação, os autores afirmam que deve haver ao menos um conhecimento mínimo da língua de origem por parte dos falantes da língua que recebe a nova palavra. Além disso, Delahunty & Garvey (*op. cit.*) ressaltam que a palavra tomada de empréstimo não é uma cópia exata da forma encontrada na língua-origem, uma vez que deve se adequar aos padrões fonológicos, morfológicos e sintáticos da nova língua. Como exemplo, os autores citam, entre outros, *burrito* – termo da culinária mexicana que se tornou corrente no inglês americano, que, no entanto, não tem sua pronúncia equivalente à do espanhol, visto que as línguas em questão se utilizam de diferentes traços para a realização do arquifonema /R/.

Por fim, abreviação é o processo que Delahunty & Garvey (2010) definem como o “encurtamento de palavras existentes na língua para formar novas palavras, geralmente versões informais dos derivantes” (*op. cit.*: 136). De acordo com os autores, pode-se, simplesmente, eliminar uma ou mais sílabas (*prof* < *professor*; *doc* < *doctor*), de modo que a sílaba remanescente conserve informações suficientes para que o falante seja capaz de identificar a forma de base. Porém, há casos denominados acrônimos pelos autores, nos quais se pode “usar a primeira letra de cada palavra em uma frase para criar uma nova expressão” (*op. cit.*: 137). Dentre estes últimos, são citados dois tipos de exemplos: *US* (*United States*), pronunciado como uma sequência de fonemas, e *UNICEF* (*United Nations International Children's Emergency Fund*), pronunciado como uma palavra do inglês corrente.

Com base no exposto, pode-se dizer que Delahunty & Garvey (2010), além da derivação e da composição, apontam quatro processos de formação de palavras: cunhagem, cruzamento vocabular, empréstimo e abreviação. Cunhagem e empréstimo, segundo os autores, são processos que não apresentam motivação morfológica, uma vez que o primeiro envolve construções formadas apenas por sequências de fonemas, e o segundo envolve a incorporação de uma palavra inteira pertencente a outra língua. O cruzamento e a abreviação, por sua vez, são brevemente mencionados pelos autores, que sequer abordam o fato de ambos serem processos não-morfêmicos.

Quanto à abreviação, mais especificamente, Delahunty & Garvey (*op. cit.*) incluem no processo formas que são resultantes dos fenômenos de abreviação e siglagem, não se encontrando, portanto, um processo equivalente ao truncamento na obra. Deve-se lembrar que formas como *prof* e *doc* (esta última correspondente a dr. em português) são aqui consideradas abreviações por não apresentarem compromisso com a preservação da margem esquerda da palavra-matriz, além de terem motivação na escrita. Da mesma forma, os dados *US* e *UNICEF*, fornecidos pelos autores como exemplos de acrônimos, encontram-se sob o âmbito da siglagem – processo que envolve a redução de uma expressão (e não de uma palavra) aos grafemas iniciais de cada componente.

infinito” (cf. *Wikipedia*). Devido à grande magnitude da potência a que se refere, o vocábulo cunhado foi adaptado para dar nome à ferramenta de busca *Google*.

Ana Paula Victoriano BELCHOR

Em suma, embora Delahunty & Garvey (2010) reconheçam que o encurtamento de palavras existentes na língua pode formar novos itens lexicais, os exemplos citados pelos autores remontam aos processos de abreviação e siglagem, ambos diferentes do que se entende, neste artigo, por truncamento. Assim, pode-se dizer que os autores não levam em conta vocábulos de fato truncados – em oposição a Fandrych (2008), por exemplo – e misturam critérios ao conferir à formação de *US* o mesmo tratamento dispensado às abreviações *prof* e *doc*, cujas estruturas são, nitidamente, diferentes daquelas verificadas em *US* ou *UNICEF*.

Como se pode observar, Delahunty & Garvey (*op. cit.*) apresentam uma proposta que, apesar de recente, mantém problemas encontrados em gramáticas tradicionais e em diversos manuais de morfologia: a falta de dados representativos do fenômeno que é por nós considerado e a mistura de critérios ao descrever abreviação e acronímia – este último processo responsável, segundo o autor, pela formação de produtos que podem ser lidos como palavras da língua ou não, diferente do que propõe Plag (2003).

Quanto aos demais processos que os autores consideram não-morfêmicos, o cruzamento vocabular, embora identificado, é brevemente exemplificado. A cunhagem é apenas mencionada como fenômeno muito raro e, por essa razão, os autores fornecem apenas um exemplo: *googol*. Por fim, o empréstimo, considerado processo de formação de palavras por Delahunty & Garvey (*op. cit.*), pode ter seu *status* contestado, uma vez que a nova palavra não se forma na língua que a recebe, mas é apenas transferida de uma outra língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir o artigo, é importante ressaltar que, embora Delahunty & Garvey (2010) não descrevam satisfatoriamente o truncamento enquanto processo de formação de palavras, assim como a maioria dos manuais de morfologia, propostas como as de Plag (2003) e Fandrych (2008) mostram que se trata de um fenômeno passível de sistematização, levando-se em conta fatores prosódicos e morfológicos, respectivamente.

REFERÊNCIAS

- ARONOFF, M. Word formation in generative grammar. Cambridge; Massachusetts: MIT Press, 1981.
- BASILIO, M. Teoria lexical. São Paulo: Ática, 1987.
- BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. In: DRESSLER, W. et al. (eds). Morphology and its demarcations. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 97-108.
- BAUER, L. Introducing to Linguistic Morphology. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1988.
- BELCHOR, A. P. V. A Morfologia Prosódica aplicada ao processo de Truncamento no português Brasileiro. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.
- FANDRYCH, I. Submorphemic elements in the formation of Acronyms, Blends and Clippings. Lexis – E-Journal in English Lexicology 2: Submorphemics, 2008.
- FANDRYCH, I. Non-Morphematic word-formation processes: a multi-level approach to Acronyms, Blends, Clippings and Onomatopoeia. Unpublished PhD Thesis, University of the Free State, Bloemfontein, 2004.
- GONÇALVES, C.A.V. Processos morfológicos não-concatenativos do português brasileiro: formato morfoprosódico e latitude funcional. Alfa (ILCSE/UNESP). v. 48, n. 2, 2004. p. 30-66.

O truncamento na morfologia contemporânea

- GONÇALVES, C.A.V. & ANDRADE, K.E. El status de los componentes morfológicos y el continuum composición-derivación em português. *Linguística*, Ciudad del México, v. 28 (2), diciembre, 2012. p. 119-145.
- HASPELMATH, M. *Understanding Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- LIMA, B.C. A formação de ‘Dedé’ e ‘Malu’: uma análise otimalista de dois padrões de hipocorização. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- McCARTHY J. A prosodic theory of Nonconcatenative Morphology. *Linguistic Inquiry*, 12, 1981. p. 373-418.
- PLAG, I. *Word-formation in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- STEINMETZ, S. & KIPFER, B.A. *The life of Language. The fascinating ways words are born, live & die*. New York: Random House, 2006.
- ŠTEKAUER, P. *An Onomasiological Theory of English word-formation*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1998.
- THAMI DA SILVA, H. Uma abordagem otimalista da hipocorização com padrão de cópia à esquerda. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

CLIPPING IN CONTEMPORARY MORPHOLOGY

Abstract: *This article aims to show that the study of clipping, as well as other non- concatenative word formation processes, has come to prominence in contemporary morphology. We will be discuss, in three sections that compose the text, that clippings, although are still considered irregular and non-systematic by some authors, are also described as regular and predictable in accordance with approaches that do not rely exclusively on the concept morpheme.*

Keywords: *Morphology; Clipping; Word-formation.*